

ETIÓPIA / Relatório conjunto da Human Rights Watch e da Anistia Internacional aponta graves violações dos direitos humanos no oeste de Tigré. Forças do governo e aliados são acusados de tortura, execuções e expulsões da população civil

Fotos: Amanuel Sileshi/AFP



Corpos de militares são vistos em Kemise, na região de Amhara: conflito entrou hoje no 409º dia



Soldado das Forças de Defesa Nacional da Etiópia tem a ajuda de colega para prender cabelo, em Hayk

A guerra ignorada

» RODRIGO CRAVEIRO

Aconteceu ontem no mercado de Alamata, na parte sul do Tigré — região norte da Etiópia. Seis bombardeios realizados pela Força Aérea etíope mataram pelo menos 28 pessoas e feriram 76. No 408º dia de uma guerra iniciada em novembro de 2020 pelo primeiro-ministro, Abiy Ahmed, para expulsar os insurgentes da Frente de Libertação do Povo do Tigré (TPLF), duas das mais importantes organizações de defesa dos direitos humanos do mundo divulgaram um relatório que aponta atrocidades no oeste do Tigré.

Relatório conjunto da Human Rights Watch (HRW) e da Anistia Internacional revela que as forças de segurança de Amhara são responsáveis por uma onda de detenções em massa, tortura, assassinatos e expulsões forçadas de integrantes da etnia tigré. A pedido da União Europeia, o Conselho de Direitos Humanos da ONU promove, hoje, em Genebra, uma sessão especial sobre “a grave situação dos direitos humanos na Etiópia”.

Laetitia Bader, diretora da HRW para o Chifre da África, relatou ao **Correio** que os autores do relatório constataram que as forças de Amhara expulsaram principalmente idosos e mulheres com filhos pequenos. “Também descobrimos que essas forças detiveram, em condições de ameaça à vida, homens e mulheres que consideravam ter idade para participarem de combates. O oeste de Tigré tem sido o palco de algumas das piores

atrocidades desde o começo do conflito”, explicou. “O que documentamos nessa nova onda de abusos são crimes de guerra.”

De acordo com Laetitia, as forças de Amhara invadiram o oeste do Tigré com a ajuda das soldados do governo de Abiy. “Nos primeiros meses do conflito, documentamos graves abusos, cometidos pelas tropas federais, incluindo o bombardeio indiscriminado a cidades, o que levou a um enorme deslocamento de civis, além de mortes. Também registramos assassinatos cometidos pelas forças do governo e por seus aliados”, afirmou.

Segundo ela, não há comunicação telefônica com a maior parte do Tigré. “Na parte oeste da região, controlada pelas forças de Amhara, existe comunicação. Nós entrevistamos pessoas que permaneceram na área, que testemunharam os abusos ou os próprios sobreviventes. Também indivíduos que fugiram para o Sudão”, disse Laetitia.

“Muitos desses civis que tentaram escapar para o Sudão foram executados no caminho. Isso foi uma tendência que constatamos nas entrevistas. Desde o início do conflito, as forças de Amhara bloquearam a estrada que leva até o Sudão. Com isso, os tigrés ficaram com poucas opções, a não ser fugir movendo-se dentro do Tigré”, acrescentou ela.

“Grande perigo”

O relatório conjunto apresenta denúncias sobre o desaparecimento de pessoas forçadas a subirem em caminhões. Em alguns casos, civis em fuga foram



Fekede Amare, 41, mostra casa incendiada, na cidade de Mesobit

Depoimento

Sede pelo poder

“No cerne do genocídio em curso no Tigré está o desejo descontrolado de Abiy Ahmed de centralizar o poder inconstitucionalmente, infringindo o direito democrático das nacionalidades à autodeterminação. Por sua vez, as elites de Amhara pretendem anexar partes férteis do Tigré ilegalmente.

Para materializar os dois objetivos, o governo federal da Etiópia, liderado pelo premiê Abiy

Ahmed e pelo Estado regional de Amhara, trabalharam com a Eritreia, um conhecido inimigo, durante anos, antes de travarem a guerra genocida do Tigré.

Suas forças, apoiadas por drones e por outras aeronaves, além de apoio diplomático e financeiro dos Emirados Árabes Unidos, da China e da Turquia, continuam a cometer crimes com a marca do genocídio contra o povo do Tigré.”

golpeados com facões e machados. “Sem uma reação internacional urgente (...) os cidadãos do Tigré, especialmente os detidos, correm grande perigo”, declarou Joanne Mariner, diretora

de resposta a crises da Anistia Internacional, por meio de nota. Durante a sessão de hoje do Conselho de Direitos Humanos da ONU, existe a perspectiva de nomeação de investigadores sobre

Onde fica



Arquivo pessoal



Meaza Gebremedhin, analista de relações internacionais e ativista de direitos humanos. Nascida em Adigrat, no Tigré

dos direitos humanos. “À medida que o genocídio se desenrola, a crise humanitária piora e ceifa a vida de centenas de civis, todos os dias”, lamentou ao **Correio**. “É uma guerra esquecida, pois membros da comunidade internacional a ignoram de propósito. Estão cientes dos horrendos crimes de guerra e contra a humanidade que Abiy Ahmed e seus aliados cometem contra inocentes no Tigré. Eles estão simplesmente parados, de braços cruzados, pois não têm vontade política para cumprir com sua responsabilidade de proteger e responsabilizar os perpetradores.”

Ela afirmou que ativistas escreveram cartas ao Comitê Nobel Norueguês, protestaram em frente à sede da entidade e organizaram campanhas por meio do Twitter para pedir a revogação do Prêmio Nobel da Paz para o primeiro-ministro etíope, Abiy Ahmed.

possíveis violações de direitos. Meaza Gebremedhin, 27 anos, nasceu em Adigrat, no Tigré, e hoje mora em Washington, onde trabalha como analista de relações internacionais e defensora

COVID-19

Europa planeja resposta coordenada

Os líderes da União Europeia (UE) sublinharam, ontem, a necessidade de acelerar a vacinação contra a covid-19 e tentam encontrar uma posição comum diante do aumento dos contágios e do avanço da cepa ômicron. Vários países do bloco aprovaram restrições de entrada de forma unilateral. “A extensão da vacinação para todos e a aplicação de doses de reforço são cruciais e urgentes”, informaram os dirigentes. A Comissão Europeia — órgão executivo do bloco — estima que a ômicron seja a dominante no continente em meados de janeiro.

A Europa apresenta boas taxas de vacinação, em comparação com outras partes do mundo, com 67% da população com o esquema de imunização finalizado. No entanto, nove dos 27 países-membros da UE têm taxas

inferiores aos 60% — Bulgária, Romênia e Eslováquia nem mesmo chegam aos 50%.

Devido à rápida propagação da ômicron no Reino Unido, a França proibirá, a partir de amanhã, as viagens não essenciais procedentes de, ou para o Reino Unido — que não faz mais parte da UE. Ontem, o Reino Unido registrou outro recorde de casos diários da covid-19 desde o início da pandemia, com mais de 88 mil infecções.

O primeiro-ministro britânico, Boris Johnson, enfrenta uma rebelião dentro do próprio Partido Conservador por suas medidas de restrição. O chefe de governo se vê às voltas com novo escândalo: segundo investigação feita pelo tabloide *The Guardian* e pelo jornal *The Independent* revela que Johnson participou de uma festa regada a pizza

com sua equipe, em 10 Downing Street (sede do Governo), em 15 de maio de 2010, durante o primeiro lockdown.

Rainha

A rainha Elizabeth II decidiu cancelar a grande refeição que organiza tradicionalmente antes do Natal com sua família devido ao aumento das infecções pela ômicron. A monarca, de 95 anos, cujas aparições públicas estão escassas desde sua breve hospitalização em outubro, havia planejado reunir cerca de 50 pessoas para almoçar na terça-feira no Castelo de Windsor, sua atual residência, a cerca de 40km ao oeste de Londres. Depois, Elizabeth II viajaria para Sandringham, no leste da Inglaterra, para passar o Natal com sua família mais próxima.

Segundo uma fonte do Palácio de Buckingham citada pela imprensa britânica, a rainha decidiu cancelar o evento como medida de precaução, devido à situação de saúde, pois os casos de covid-19 dispararam a níveis recordes no Reino Unido.

O jornal *The Sun* afirmou, na quarta-feira, que Elizabeth II esperava poder manter o encontro, que significa muito para ela e já foi cancelado no ano passado pela pandemia. Seria o primeiro almoço em família desde a morte de seu marido, Philip, em abril.

Na noite de ontem, os ministros da Saúde do G7 — grupo dos países mais industrializados do mundo — fizeram coro à União Europeia e pediram cooperação frente à ômicron, a qual qualificaram de “maior ameaça atual para a saúde pública mundial”.

Os ministros se mostraram

Paul Ellis/AFP



Catedral de Chester, no Reino Unido, virou centro de imunização

“profundamente preocupados com o aumento do número de casos” da variante e consideraram “mais importante do que nunca cooperar estreitamente”, assim como “vigiar e compartilhar dados”.

Ontem, o presidente norte-americano, Joe Biden, advertiu que a ômicron vai se “propagar muito mais rapidamente”. Mais cedo, por meio do Twitter, o democrata escreveu que a melhor proteção contra a ômicron é a vacina.